

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita. Livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991. 180 p.

“Num país como o Brasil, em que os problemas de circulação e leitura de obras literárias começaram com a ocupação do território e arrastam-se até hoje, parece oportuno investigar as formas de inserção social da literatura”. Com essas palavras de abertura, na secção *Começando a leitura*, as autoras de *Leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil* apontam a direção para onde desejam conduzir a investigação proposta: como país periférico e dependente, a produção da leitura e as condições de circulação do material literário estão sujeitas a um horizonte social que tem suas facetas particulares.

A partir do reconhecimento desse condicionante, as duas pesquisadoras apresentam os pressupostos em torno dos quais movimentam suas reflexões e que devem ser apontados para um melhor aproveitamento da leitura (agora do livro).

Em primeiro lugar, *Leitura rarefeita* aciona os mecanismos de uma certa sociologia da cultura, que leva em conta as aproximações entre literatura e sociedade, não apenas para entender como as obras representam determinados tipos de relações sociais, mas como também elas são afetadas pelo ambiente cultural em que aparecem.

Um segundo tópico diz respeito à condição histórica particular do Brasil. Como a literatura acompanha a modernização da sociedade de horizonte burguês, de que maneira uma manifestação cultural com esses pressupostos pode ser lida, analisada e discutida numa sociedade onde o aburguesamento vigora em alguns segmentos sociais e retrai-se em outros?

Além disso, o material literário pressupõe uma série de intercâmbios sociais, de modo a mobilizar um mercado para transformar a literatura em mercadoria comercializável, como outro bem de consumo qualquer. Essa questão passa necessariamente pela criação de editoras, livrarias, distribuidoras, que procuram atender às exigências dos consumidores do produto literário.

Considerando este quadro cultural, *Leitura rarefeita* desenvolve-se em torno de nove capítulos e um *post-scriptum*, no qual as autoras apresentam o saldo do caminho percorrido.

"Ler para crer," primeiro capítulo da obra, confere com a cronologia histórica do Brasil colonial, situando a questão da leitura no período da ocupação do território brasileiro pelos portugueses, onde a prática da leitura está cercada pela ação pedagógica dos jesuítas, encarregados da conversão do gentio e do patrocínio das escolas. Este capítulo tem continuidade em "A educação dos meninos", referente às lições dos jovens brancos, educados preferencialmente por particulares, de modo individualizado, numa prática dissociada daquela registrada na Europa, onde imperava a expansão e a coletivização do ensino. O terceiro capítulo, "A procura do leitor", diz respeito à parca vida cultural brasileira, caracterizada pela escassez de meios e dificuldades na produção intelectual (sem bibliotecas, gráficas, livrarias e escolas, assim era a vida na Colônia), e refere-se também ao modo como poetas e prosadores manifestam a sua visão desse ambiente. "Ler para escrever" constitui um capítulo singular sobre o quadro cultural desolador na antiga colônia, pois demonstra a preocupação dos escritores do século XVIII com o leitor: recomenda-se a leitura dos bons textos, indicando a necessidade de uma seleção de obras e autores, não só para que o leitor não se perca por más veredas, mas a fim de que ele recolha modelos para o fazer literário. A intimidade com o leitor, sugerida nesse capítulo, prossegue em "Modelos de público", quando se toma conhecimento de que os escritores buscavam o estabelecimento de um pacto com seu interlocutor, cuja finalidade visava tanto incentivar a prática da literatura, nos futuros interessados, quanto criar um ambiente estimulante para o ato de leitura.

No capítulo intitulado "Da ficção à história da literatura", *Leitura rarefeita* sinaliza uma mudança no acanhado ambiente

cultural e uma modificação no processo de educação para o consumo de romances. Nesse momento, a literatura já registra algumas obras, a popularidade de alguns escritores e a existência de leitores. Duas histórias desse tempo, *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, e *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo, expressam pela via ficcional o quadro cultural.

Os dois últimos capítulos são significativos da história da leitura e da escrita no país: "A leitura no Brasil: um grande negócio" contrapõe-se ao último, intitulado "A escrita no Brasil: um péssimo negócio". Bom negócio fez a indústria livreira, instalando-se e alcançando sucesso junto ao público, principalmente no que diz respeito ao livro didático; mau negócio constituiu ser escritor num país em que o fazer literário era (e é) considerado supérfluo e inútil.

Um balanço final de *Leitura rarefeita* deixa um saldo bastante positivo, comprovado por alguns fatores. Regina Zilberman e Marisa Lajolo, ambas professoras experientes de Teoria da Literatura, ainda que separadas pela geografia do Brasil – a primeira atua em Porto Alegre, na PUCRS, e a segunda, em São Paulo, na UNICAMP – têm demonstrado afinidade em torno dos temas relativos às histórias de leitura, através de outras obras publicadas em conjunto: antes dessa, elas já haviam publicado *Literatura infantil brasileira: história e histórias* e *Um Brasil para crianças*. Além disso, *Leitura rarefeita* vem cercado de algumas particularidades que tornam a obra imprescindível para quem se preocupa com os problemas de leitura e escrita hoje. Duas especialistas em literatura apresentam uma história social da leitura no Brasil, recuperando o caminho da cultura letrada no País. O quadro delineado passa necessariamente por um levantamento exaustivo da produção ficcional e poética brasileira, analisando as imagens da leitura, escrita e literatura, presentes em romances, poemas, peças de teatro, ao longo de um período que começa com os jesuítas, no século XVI. É desse entrecruzamento entre os textos e o sistema literário que resulta a compreensão do modo como a literatura se inseriu no sistema de produção e como se moldaram as condições de sua recepção e consumo.

Pela perspectiva que adota, *Leitura rarefeita* é um livro instigante, cuja leitura torna-se valiosa para todos aqueles que lidam com questões relativas ao livro, à leitura e à literatura. Trata-se de conhecer a realidade para que se possam

encaminhar alternativas eficazes para a solução de um problema que já é demasiadamente velho: por que se lê mal e pouco no Brasil?

Maria Eunice Moreira
PUCRS